SINCRONIA E DIACRONIA: POR UMA REPRESENTAÇÃO NOS ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM NO/DO BRASIL NOS ANOS 50

SYNCHRONY AND DIACHRONY: FOR A REPRESENTATION IN LANGUAGE STUDIES IN/FROM BRAZIL IN THE 50'S

Caroline Mallmann Schneiders*

RESUMO: Este estudo procura evidenciar como a dicotomia sincronia/diacronia é representada no contexto brasileiro nos anos 50. Para tanto, partiremos de um breve esboço histórico sobre os estudos da linguagem do século XX, buscando, a partir das obras de Serafim da Silva Neto: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguêsa no Brasil (1950, 1ª edição)* e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguêsa (1956, 1ª edição)*, mostrar como, no Brasil, essa dicotomia é apresentada nos estudos predominantes da época em questão.

Palavras-chave: sincronia, diacronia, estudos da linguagem.

ABSTRACT: The aim of this study is to show how the dichotomy between synchronic/diachronic is represented in the Brazilian context at the 50th s. In order to do it, we will start from a brief historical sketch about language studies of the twentieth century, searching, from works by Serafim da Silva Neto: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguêsa no Brasil (1950, first edition) and Introdução ao estudo da Filologia Portuguêsa (1956, first edition)*, and show how, in Brazil, this dichotomy is presented in the predominant studies at that time.

Key-words: synchronic, diachronic, language studies.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Buscando uma articulação com a questão de pesquisa que propomos em nosso projeto de dissertação, trazemos, no presente estudo, algumas questões que nos ajudarão a refletir sobre o nosso objetivo principal, bem como a ir compreendendo o nosso objeto analítico. O nosso interesse, inicialmente, para a dissertação, é referente à inserção da Linguística nos estudos científicos sobre a linguagem no/do Brasil da década de 50. Nesse sentido, temos como principal questão a produção do conhecimento, uma vez que procuraremos analisar como a produção do conhecimento em

* Formada em Letras-Português na Universidade Federal de Santa Maria e, atualmente, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - da mesma universidade.

torno da linguagem vai se alterando/movimentado, ou ganhando sentidos outros, em decorrência da inserção da Linguística nos estudos sobre a linguagem, no período em questão.

A partir desse escopo, buscamos refletir, no presente estudo, sobre a dicotomia sincronia versus diacronia sistematizada por Ferdinand de Saussure, em 1916, na obra *O Curso de Lingüística Geral*. Essa questão se coloca em nosso estudo, pois tal distinção e a preferência pelo estudo sincrônico marcam uma nova abordagem em relação aos estudos que se faziam, bem como vão nortear os estudos subsequentes, principalmente, na metade do século XX, com o auge do estruturalismo.

Diante disso, procuraremos compreender como essa dicotomia está representada no contexto brasileiro, nos anos 50, e sob qual perspectiva, tomando como objetos de estudo recortes das obras: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguêsa no Brasil (1950, 1ª edição),* e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguêsa (1956, 1ª edição),* ambas de Serafim da Silva Neto. Delimitamos esse período, visto que antecede a institucionalização da Linguística enquanto disciplina, e porque nele ocorre um expressivo avanço nos estudos sobre a língua do/no Brasil, além de ser concomitante ao auge do estruturalismo no contexto europeu. O nosso estudo terá como foco as formulações de Serafim da Silva Neto, visto que o consideramos um estudioso significativo para os estudos sobre a linguagem, especialmente, no que tange à língua portuguesa e à dialetologia. Segundo Elia (1975, p.158), Serafim foi "um de nossos poucos estudiosos que fez realmente avançar os estudos da realidade lingüística brasileira, não só pela exata perspectiva em que se situou, mas também pelas contribuições de ordem histórica e lingüística que trouxe à questão". Entendemos, nesse sentido, que se trata de um sujeito que possui uma posição teórico-analítica peculiar em seus estudos, instalando-se no entremeio dos estudos filológicos e linguísticos.

O percurso que iremos fazer nesse trabalho refere-se, portanto, a um breve esboço de cunho histórico, por assim dizer, buscando, a partir dos estudos propostos por Saussure, como a dimensão sincrônica e a dimensão diacrônica vão sendo tratadas no decorrer do século XX. Em vista disso, destacaremos dois contextos, a saber: o europeu e o brasileiro, tendo como foco principal o período referente ao auge do estruturalismo. Assim, buscaremos ver quais os reflexos do estruturalismo europeu nos estudos sobre a linguagem do contexto brasileiro antes da institucionalização da disciplina Linguística.

DO *CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL* AO ESTRUTURALISMO EUROPEU

Considera-se que a posição do sujeito linguista tem seu lugar instituído como cientista da linguagem a partir da sistematização, em 1916, da obra *O Curso de Lingüística Geral,* de Ferdinand de Saussure, a qual conferiu à Linguística o estatuto de ciência da linguagem. Esse marco para os estudos linguísticos é, pois, no início do século XX, e a instauração dessa nova perspectiva possibilitou uma abordagem descritiva e

sincrônica aos estudos da linguagem. Trata-se de uma obra póstuma, originária da compilação das anotações de alunos que participaram de algumas das aulas realizadas por Saussure em três cursos de Linguística Geral ministradas em Genebra, sendo editada por Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger.

Observa-se nessa obra que Saussure buscou sistematizar os estudos da linguagem enquanto ciência, delimitando como seu objeto de estudo *la langue* (língua), pois, para ele, somente a língua parecia ser passível de uma definição autônoma, ou seja, a partir desse objeto que se poderia dar à Linguística o estatuto de ciência. Saussure interpreta a língua como um sistema bem organizado, isto é, define-a como um sistema de signos, conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo. Saussure trata, portanto, a língua como sistema, noção que ganha contornos diferenciados no decorrer do século, sendo denominada, em especial, nos anos 50/60, de estrutura.

Ao delimitar seu objeto de estudo, Saussure também delimita uma série de outras questões que se tornam necessárias para configurar o caráter científico em torno da língua. A partir dessas delimitações, surgem dicotomias essências para a instauração dessa nova perspectiva nos estudos da linguagem, a saber: Língua X Fala; Sincronia X Diacronia; Significado X Significante; Relações associativas X Relações sintagmáticas.

Com a sistematização dessas questões e desse caráter científico aos estudos sobre a língua, instaura-se uma nova perspectiva ao lado dos estudos comparativo-históricos que se faziam até então. A Linguística de Saussure propõe uma abordagem descritiva e sincrônica no que tange aos procedimentos para o desenvolvimento dos estudos, diferenciando-se do caráter comparativo e diacrônico que predominava. Logo, há, a partir do *Curso de Lingüística Geral,* uma reconfiguração nos estudos sobre a linguagem, que se expandirá também para outras áreas, como pode ser observado, por volta da metade do século XX, com o auge do estruturalismo.

Entendemos, com isso, que a noção de sincronia enfatizada por Saussure torna-se decisiva, pois, a partir dela, um olhar diferenciado começa a ser lançado, especialmente, sobre a questão da temporalidade, olhar este que irá caracterizar uma série de estudos subsequentes. O tempo, de acordo com o postulado saussuriano, torna-se um fator que cria dificuldades à Linguística, uma vez que produz efeitos particulares. Nesse sentido, a Linguística devia ser dividida em duas partes, abrangendo eixos sobre os quais estão situadas as coisas de que se ocupa:

1. Eixo das simultaneidades (A → B): referente às relações entre as coisas coexistentes, aqui qualquer intervenção do tempo é excluída.
2. Eixo das sucessões (C ↓ D): leva em conta uma coisa por vez e abrange todas as coisas situadas no 1º eixo com suas respectivas transformações.

É necessário estudar a língua a partir desses dois eixos, segundo Saussure, porque ela é um sistema de valores complexo e rigorosamente organizado. No entanto, destaca que devido à multiplicidade de signos que a constitui, torna-se impossível estudá-la levando em conta, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema.

Em consequência disso, Saussure distingue duas Linguísticas: uma que estuda a língua conforme o eixo do tempo, os fenômenos que fazem passar a língua de um estado a outro; e outra que estuda os estados que a língua assume em determinado momento. Configura, então, a Linguística evolutiva, ou Linguística diacrônica, em oposição à Linguística estática, ou Linguística sincrônica.

Diante dessas duas vias de possibilidades para estudar a língua, Saussure opta para caracterizar a ciência Linguística, a sincronia, ou seja, os fatos da língua deveriam ser estudados sob o ponto de vista sincrônico. Saussure considera que, para se compreender um estado da língua, deve-se ignorar o passado, e, por conseguinte, qualquer estudo diacrônico. Para ele, só se pode descrever a língua e fixar normas para o seu uso, colocando-se num estado determinado.

Contudo, acreditamos que isso não significa que a perspectiva diacrônica deva ser excluída ou seu ponto de vista histórico desconsiderado. Essa distinção, ao mesmo tempo, propõe uma relação entre esses dois métodos já estabelecidos, pois Saussure quer evidenciar que com essa oposição podemos compreender melhor os estados da língua. Ou seja, há também uma relação entre os fatos diacrônicos e sincrônicos, entre a realidade histórica e um estado de língua, uma vez que um se projeta no outro.

Para Saussure, o aspecto sincrônico da língua prevaleceu sobre o diacrônico, já que, para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade. Da mesma forma é para o linguista, visto que, ao centrar sua atenção no ponto de vista diacrônico, não é mais a língua o que ele percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam.

Ao longo do século XX, o postulado saussuriano repercutiu de diversas formas, fazendo avançar, em muito, os estudos linguísticos tanto sob o viés descritivo quanto sob o viés sincrônico, seja para mostrar uma posição contrária ou a favor, ou seja, o *Curso* acabou por se tornar a base da Linguística atual. A Linguística atual, segundo Coseriu (1999), desenvolve seus estudos a partir da perspectiva sincrônica, caracterizando os movimentos estruturalistas, que despontaram no decorrer do século, em especial, nos anos 50/60.

A Linguística estrutural que irrompe, na visão desse autor, é toda a forma de Linguística que trata das línguas através da noção de estrutura. Assim, o estruturalismo é, para ele, uma corrente de estudos cuja unidade está assegurada, de uma forma homogênea, na Linguística que Saussure propôs, a partir da descrição das línguas enquanto sistemas.

Detendo-se, especialmente, no estruturalismo europeu, considera-se que este se vincula fortemente ao postulado saussuriano. A primeira escola estruturalista e bastante significativa, em ordem cronológica, foi a de Praga, que se originou a partir do Círculo de Linguística de Praga, em 1926, por Mathesius. Essa escola, desde 1929, tornou-se conhecida por *Escola fonológica de Praga,* tendo como principais representantes Jakobson e Trubetzkoy, os quais procuraram configurar uma orientação fonológica e estrutural a essa escola. Destacamos esse círculo, visto que ele se tornou o ponto de partida para as novas perspectivas empreendidas nos estudos, sobretudo, nos anos 50/60.

Dosse (1993, p.68), em seu livro *História do Estruturalismo,* destaca que o termo estruturalismo foi utilizado, pela primeira vez, por Jakobson, em 1928, no Congresso Internacional de Linguística de Haia, congresso este realizado junto ao Círculo de Praga. Esse termo, como afirma Dosse (1993), tem sua base no postulado saussuriano, pois, no *Curso,* pode-se perceber essa questão de estrutura quando a língua é pensada como sistema, sendo, para esse autor, a Linguística de Saussure a ciência-piloto do estruturalismo.

O estruturalismo europeu tem seu auge nos anos 50 e 60, período em que se verifica um enorme avanço nos estudos de diversas áreas, bem como um expressivo número de edições e reedições da obra *Curso de Lingüística Geral.* Esse cenário é caracterizado por uma interdisciplinariedade que apresenta uma base comum: a discussão de trabalhos a partir do postulado saussuriano, e, principalmente, vinculado ao viés sincrônico.

É importante ressaltar que se pode distinguir várias escolas estruturalistas, principalmente, em dois contextos: o contexto europeu e o americano, os quais tomaram rumos diferenciados. Segundo Weedwood (2002, p.126), a designação *estruturalismo* geralmente é empregada para caracterizar uma série de diferentes escolas de pensamento linguístico. Coloca, também, que esse termo ganha contornos diferenciados, conforme o contexto em que é empregado, tendo como distinção mais notável os estudos americanos e europeus, caracterizando um estruturalismo americano e um estruturalismo europeu. Contudo, é o estruturalismo europeu que predominou nos estudos sobre a linguagem até certo período.

Considera-se que o estruturalismo europeu iniciou-se a partir das discussões que se teve no Círculo de Praga, discussões estas que deram origem às teses de Praga. Uma das questões centrais das teses de Praga, elaboradas a partir das discussões que se teve nesse Congresso de 1928, girou em torno da oposição diacronia versus sincronia. Diante disso, o Círculo de Praga estabeleceu "como central e necessária a dimensão sincrônica" (PAVEAU & SARFATI, 2006, p.116), mas sem desconsiderar a dimensão diacrônica e a vinculação desta com aquela. Essa questão constitui, segundo Paveau & Sarfati (2006), como uma crítica a Saussure, pois ele, embora tenha esboçado uma relação entre as duas dimensões, deu ênfase à sincronia para os estudos sobre os fatos da língua.

Com o auge do estruturalismo, nos anos 50 e 60, a perspectiva sincrônica se acentuou nos estudos. Dosse (1992) afirma, reportando-se a Claudine Normand, que a dicotomia sincronia X diacronia já estava em vigor muito antes da publicação do *Curso de Lingüística Geral,* através dos estudos que se faziam sobre a Dialetologia. Nesses estudos, a noção de sincronia já estava em voga, principalmente, no que se refere à coleta de dados, ou seja, dos dialetos, pois não contavam com dados escritos. Como destaca Dosse (1992, p.68), ainda nas palavras de Normand, "Saussure não teria feito mais do que "sistematizar" coisas que se começava a dizer-se, a fazer-se".

Esse autor salienta, ainda, que essa perspectiva sincrônica sobre o estudo da língua, produz uma radical reconfiguração da perspectiva diacrônica, a qual passa a ser

"uma simples derivada e evolução de uma língua" (DOSSE, 1992, p.69), sendo definida como a passagem de uma sincronia a outra.

Isto posto, acreditamos que o mérito de Saussure, ao delimitar um caráter científico aos estudos sobre a língua, é indiscutível, uma vez que ele não apenas sistematiza, organiza, reconfigura uma série de questões fundamentais, mas foi a base para os estudos do século XX. Podemos dizer que Saussure é uma figura sempre emblemática, pois pensar os estudos sobre a linguagem é não desconsiderá-lo, é considerá-lo como figura central para a determinação da Linguística atual.

Além disso, tratar, em especial, dessa dicotomia, sincronia X diacronia, é sempre importante, visto que tanto uma perspectiva quanto a outra podem ser consideradas como o eixo condutor para o estudo sobre a língua. Porém, consideramos que essas duas dimensões não podem estar dissociadas, seja qual for a perspectiva em que nos situamos, seja Linguística ou Filológica, por exemplo. Essa dicotomia pressupõe, em nosso entendimento, um imbricamento, não uma oposição, como apontou Saussure, optando pelo viés sincrônico, deixando de lado essa possível relação, a qual foi retomada posteriormente, como nas teses de Praga. Logo, para nós, é esse imbricamento que possibilita um estudo efetivo da língua, pois, mesmo sendo o interesse descrever um estado atual, devemos ter uma visão dos estados anteriores, que, por sua vez, decorre de um olhar diacrônico sobre a língua.

Será, portanto, ligada a esse cenário europeu de discussões, que veremos irromper, no Brasil, a Linguística enquanto disciplina. Conforme nos aponta Altman (2004), em seu livro *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988),*

> [...] o termo lingüística surgiu no contexto acadêmico brasileiro ligado ao termo estruturalismo e foi só então, no decorrer da década de 60, que começaram a se tornar mais preciso os universos de referência propostos pelos dois termos – Filologia e Lingüística – justamente no momento em que as oposições institucionais iam se fazendo mais nítidas. (ALTMAN, 2004, p.120).

DO ESTRUTURALISMO EUROPEU AO BRASIL

Atentando ao contexto sócio-histórico dos estudos sobre a linguagem do/no Brasil, podemos dizer que eles se mantiveram, em primeiro lugar, relacionados à língua portuguesa, apresentando, principalmente, como campos de interesse: "a história e a filologia do português, o estabelecimento de uma língua padrão para o Brasil, e a dialetologia brasileira" (MATTOSO, 1976, p.47). Nesse cenário, o que predominou, até os anos 60, foram os estudos filológicos, a Filologia, sendo, pois, como nos aponta Altman (2004, p.73), "o grupo de especialidade em evidência [...]. Conseqüentemente, o estatuto socioprofissional e científico que legitimava o trabalho dos pesquisadores dedicados à matéria lingüística era o de filólogo", configurando à Linguística um "programa de investigação à parte" (p.69). A Linguística nesse período está, portanto, situada às margens, não possuindo um lugar estabilizado,

seja enquanto ciência, seja enquanto disciplina junto aos cursos de Letras. Essa situação começa a se modificar somente no final da década de 60, quando ela passa a ser considerada uma disciplina obrigatória dos cursos de Letras.

A Linguística, até a sua institucionalização no contexto brasileiro, passou por um longo processo de aceitação, em especial, aceitação por parte dos filólogos. A Linguística não foi, durante muito tempo, bem vista por muitos estudiosos, resultando em divergências e embates teóricos, principalmente, entre estudiosos que a consideravam importante para o desenvolvimento dos estudos sobre a linguagem, e aqueles que não viam nela contribuições significativas. Essa posição de rejeição frente à Linguística, trava, por assim dizer, uma luta de lugares nos estudos científicos desse período anterior a sua institucionalização, ajudando no retardamento do estabelecimento da Linguística como disciplina no contexto brasileiro, sendo somente a partir dos anos 50 que essa realidade começa a se modificar (ALTMAN, 2004).

Ilari (2004, p.53) aponta que o "estruturalismo teve sobre os estudos da linguagem, no Brasil, um impacto enorme, típico de uma escola dominante. Seu advento no Brasil se deu durante os anos 1960 e coincidiu com o reconhecimento da Linguística como disciplina autônoma [...]". Logo, percebemos que a inserção do estruturalismo, no contexto brasileiro, foi concomitante ao seu auge no contexto europeu, podendo ser verificado, se atentarmos aos estudos sobre a linguagem que se faziam durante os anos 50, reflexos desses estudos europeus. Uma das questões que se pode verificar, e que é o objetivo principal desse trabalho, é a dicotomia sincronia X diacronia, a qual é representada do ponto de vista da Linguística, propriamente dita, em estudos que se colocavam em outras perspectivas. Ou seja, podemos verificar, tomando recortes de nossos objetos de estudo, a influência do postulado saussuriano nos estudos que versavam a língua portuguesa sob um viés filológico.

Diante disso, percebemos uma representação um tanto peculiar, pois Altman (2004) nos indica que a Filologia do/no Brasil sempre esteve vinculada a uma perspectiva diacrônica, colocando-se contra a perspectiva sincrônica da Linguística. É a partir dos anos 50, segundo essa autora, que a abordagem sincrônica vai ganhando supremacia diante dos estudos que se faziam no Brasil, acarretando em significativas mudanças nesse cenário. A principal mudança que ocorre, refere-se à "compacta relação entre Filologia e Dialetologia" (2004, p.122), visto que a Dialetologia acabou incorporando em seus estudos o estruturalismo, voltando-se ao viés sincrônico para marcar um lugar diferenciado nos estudos sobre a língua. Ou seja, é ligada à Linguística que a Dialetologia vai se configurando e marcando seu espaço, e não mais à Filologia.

Esse espaço é demarcado, principalmente, através da instalação do *Centro de Estudos Dialetológicos,* no Museu Nacional, em 1955, por Serafim da Silva Neto. Podemos considerar que a instalação desse centro pode estar relacionada às novas perspectivas instauradas nos estudos da linguagem, ou seja, decorrente da influência dos estudos estruturais. Três anos depois, em 1958, foi criado ao lado do *Centro de Dialetologia* um *Setor Lingüístico* por Mattoso Câmara, cujo estudioso é de suma importância para a institucionalização da Linguística no Brasil.

Esse breve levantamento de dados e fatos a respeito dos estudos brasileiros, nos anos 50, é de suma importância para nós, pois contextualizam o período em que as obras nas quais retiramos nossos recortes foram editadas. Eles apontam para a exterioridade, mas certamente poderemos ver influências inerentes a sua formulação. Essas obras de Serafim tratam, em especial, sobre a língua portuguesa, uma obra data do início e a outra do final dos anos 50. Assim, poderemos ver o movimento, ao longo dessa década, na representação da dicotomia sincronia X diacronia. Em vista disso, procuramos trazer duas obras de um mesmo autor, que ocupa uma posição peculiar nos estudos sobre a linguagem no/do Brasil, sendo considerado, por nós, ao mesmo tempo um Filólogo/Linguista/Dialetólogo, devido à configuração que foi dando aos seus estudos no decorrer de sua trajetória científica.

Trazemos, para evidenciar a representação da dicotomia destacada por nós, recortes retirados das obras *Introdução ao Estudo da Língua Portuguêsa no Brasil (1950, 1ª edição)* e *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguêsa (1956, 1ª edição)*. Atentamos, inicialmente, à primeira obra para verificar como essa dicotomia está apresentada:

Obra 1: *Introdução ao Estudo da Língua Portuguêsa no Brasil, 1ª edição, 1950*.
"Ora, já Saussure, em lúcidas considerações acerca da evolução lingüística, estabeleceu que ela se processa lentamente." (p.115)
"O presente estado lingüístico decorre, naturalmente, de estados anteriores" (p.174)
"O isolamento condiciona, portanto, um tipo arcaico da vida e, conseguintemente, uma linguagem mais conservadora." (p.213)
"Quanto menor é o grupo, e mais isolado, maiores e mais íntimas são as relações pessoais e, portanto, interprenetação – o que redunda num conservantivismo maior." (p. 214)

Essa conservação, segundo Serafim (1950, p.214-215), acarreta na distinção dos grupos sociais, pois o que "era da estabilidade passa a desprender-se da massa uniforme e homogênea". Para demonstrar essa passagem, Serafim se utiliza de um esquema semelhante ao que Saussure propôs no *Curso*:

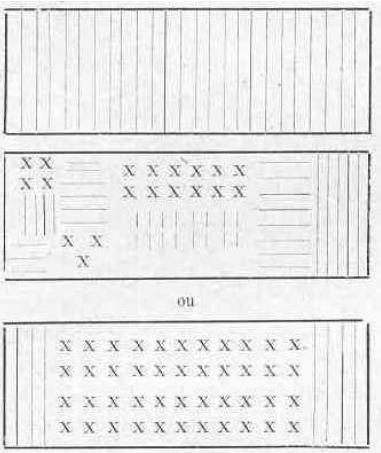
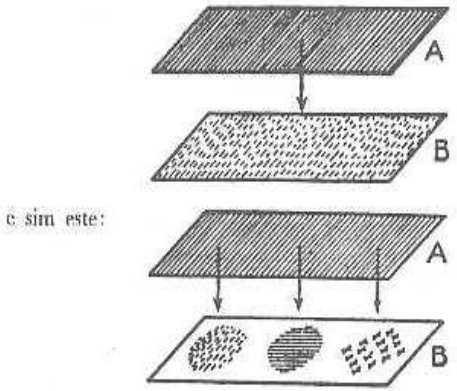


Ilustração 1: Esquema de Serafim da Silva Neto (1950, p.215)



lustração 2: Esquema de Ferdinand de Saussure (2008, 30. edição, p.231)

Saussure pensou um esquema semelhante a esse que Serafim retoma, para mostrar, principalmente, a ação do tempo sobre a língua em determinado território, ou seja, esse esquema se relaciona com a questão da diacronia e sincronia, pois esses dois eixos tomam, em especial, o tempo, mas sob perspectivas diferentes. O tempo torna-se, portanto, fundamental para estabelecer a diversidade da língua num mesmo território, em outras palavras, para marcar diferenças dialetais num mesmo espaço geográfico, cujas diferenças são descritas a partir de um olhar sincrônico, todavia resultante de uma evolução, de um estado anterior.

Outros recortes que evidenciam essa relação sincronia/diacronia a partir desse viés dialetológico, voltando-se aos estados que a língua assume são:

"A língua é uma sucessão de fases, de continuidades: cada fase é resultante das anteriores." (p.218)
"Os princípios é que estavam errados. Em primeiro lugar julgava-se que a verdadeira língua era a dos escritores, e que o povo, em sua ignorância, a deturpava e corrompia. Escapava-lhes que a única linguagem que realmente existe é a linguagem viva do povo (...)" (p.259)
"Agora, portanto, já estávamos em época de reformar o ensino, apresentando aos estudantes não as opiniões dos gramáticos, mas sim os fatos da língua." (p. 283)

Esses recortes da primeira obra mostram um tratamento não explícito à sincronia e à diacronia. Mas, atentando aos recortes, verificamos que essas duas dimensões estão presentes no tocante à variação dialetal e às modificações que a língua sofre. Percebemos que nesses recortes, destaca-se, principalmente, a relação do estado atual com os estados anteriores, ou seja, tem-se uma visão da Linguística, porém fortemente marcada pelo viés filológico, ainda predominante nesse determinado período.

Na segunda obra, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguêsa* (1956), podemos perceber um movimento, por assim dizer, no modo de tratar a questão do tempo e, por conseguinte, na dimensão sincrônica e na dimensão diacrônica. Eis um recorte que evidencia a relação entre essas duas dimensões, cuja relação tem reflexos do postulado saussuriano, como nos aponta a nota de rodapé desse recorte, bem como um novo olhar sobre a diacronia, o qual ressoa as considerações feitas por Dosse (1993), e o que as teses de Praga trazem:

Obra 2: *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguêsa*, 1ª edição, 1956.

"O estudo de uma determinada fase da língua, tal como se faz na gramática expositiva, por exemplo, pode comparar-se a uma fotografia. Mas, a par dessa observação *sincrônica,* podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de estabelecer uma série de cadeias, ou de *sincronias,* tarefa que lembra o desenrolar de um filme.

Êsse estudo diacrônico é indispensável ao conhecimento da língua. Êle ensina-nos de tudo: tocado pela sua varinha mágica, cada vocábulo nos conta a própria história, cada forma repassa por todas as metamorfoses – e, aos poucos, surgem na sua constância e regularidade as normas que presidiram à evolução do latim. [...]

[em nota de rodapé:]

"Essa diferença entre sincronia e diacronia foi estabelecida pelo lingüista genebrino FERDINAND DE SAUSSURE [...]" (Grifo do autor, p.63)

Tomamos esse recorte, especialmente, visto que ele aponta para o que Dosse (1993) destaca sobre a mudança ocorrida no estudo da perspectiva diacrônica, após a primazia da sincronia, bem como sobre a vinculação entre essas duas dimensões corroboradas nas teses de Praga. Considerando o ano de edição desta obra, 1956, verifica-se que é o período em que o estruturalismo tem uma forte repercussão, afetando os estudos brasileiros. Um ponto interessante que se coloca, é que essa segunda obra trata especificamente dos estudos filológicos, como nos aponta o seu título, mas está vinculada explicitamente às novas perspectivas que vão se instaurando nos estudos sobre a linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer, diante desse breve esboço que fizemos a respeito, sobretudo, da dicotomia sincronia versus diacronia, que são duas categorias que se articulam, em especial, à questão do tempo. Ao longo do século XX, essas duas dimensões vão sendo utilizadas para caracterizar diferentes perspectivas de estudo, além de tomarem rumos, por assim dizer, um tanto diversos do que pensou Saussure em seus estudos, no entanto não se desvinculando ao que ele propôs: que a língua deveria ser descrita através de um olhar sincrônico. O que se acentuou foi a relação existente entre essas duas dimensões, e a reconfiguração da diacronia, a qual passou a ser vista como decorrente de uma série de sincronias.

Diante disso, é com o auge do estruturalismo europeu que essas discussões ficam mais evidentes, refletindo, por conseguinte, nos estudos brasileiros. Como vimos, as duas obras de Serafim da Silva Neto, pertencentes aos anos 50, que tomamos como objetos de estudo, são sobre a língua portuguesa, ligando-se, especificamente, a um viés dialetológico e filológico. No entanto, como percebemos, elas são afetadas de modos distintos pelos estudos estruturais, ou seja, pelas novas perspectivas vigentes que tem como base o postulado saussuriano.

Há um movimento nessas duas obras no modo de tratar a diacronia e a sincronia, na primeira, implicitamente e ligada à Dialetologia; na segunda, explicitamente, a partir de Saussure, e ligada à Filologia. Logo, podemos dizer que essa movência no interior dos estudos é o princípio de uma modificação maior que está por vir nos estudos sobre a linguagem do/no Brasil. Consideramos isso, visto que, nos anos 60, a Linguística institucionaliza-se como disciplina obrigatória, ganhando espaço diante dos estudos que predominavam até então, ou seja, tem-se uma (re)configuração nos estudos linguísticos brasileiros.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.

CÂMARA, J.M. A lingüística brasileira. In.: NARO, A. J. (org.). *Tendências atuais da lingüística e da filologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p.45-64.

COSERIU, E. *Lecciones de Lingüística General*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1999. p.45-64.

DOSSE, F. *História do estruturalismo*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993. v.1: O campo do signo, 1945-1966.

ELIA, S. *Ensaios de filologia e lingüística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifos, 1975.

ILARI, R. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (orgs.). *Introdução à Lingüística*: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. v.3.

NETO, S. da S. *Introdução ao estudo da Língua Portuguêsa no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

_____. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguêsa*. 1. ed. São Paulo: Editora S/A, 1956.

PAVEAU, M.; SARFATI, G.E. *As grandes teorias da lingüística*: da gramática comparada à pragmática. Trad. M.R. Gregolin et al. São Paulo: Claraluz, 2006.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

WEEDWOOD, B. *História concisa da lingüística*. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.